

AGÊNCIA DE COMÉRCIO AGRO-INDUSTRIAL, LDA.

## Acail, Concessionário Fiat, Lancia e Alfa Romeo

Beja  
Parque Industrial nº2 - Rua do Fomento nº 1  
7800 Beja  
Telf: 284.310.460  
Fax: 284.310.479

Sines  
Zona Industrial Ligeira, nº2 Lote 7  
7520 Sines  
Telf: 269.870.160  
Fax: 269.870.169



### Visite-nos



### Almanaque

## Alentejano

2011 - Ano VII - N.º. 7 - 2.ª Série  
Revista anual, editada em Dezembro de 2010

Capa:

Campos raianos

Director e Editor:

Luis Jordão

Colaboraram neste número:

Ana Paula Veaceslau, António Galvão, António João Teixeira Marques, António José Zuzarte, Bruno Lopes, Carlos A. Ferraz da Conceição, Domingos Rações Santos, Elsa Lopes, Francisco M. Constantino Pinto, Filinto Marques, Fernanda Trázão, Guilherme Alves Coelho, Gabriela Morais, Gonçalo Jordão, Graça M. V. Anjos Jordão, H. Mourato, Isabel Jordão, José Simão Miranda, José Roque, Luis Filipe Maçateco, M. Parissy, Manuel (Saqueiro) Rodrigues, Maria L. F. Braga, Maria Olívia Duiz Sampaio, Mário Costa, Mário Marns, Moisés Cayetano Rosado, Nuno Rebouço, Pedro Cuncos, Pedro Mestre, Sónia M. P. Silva, Tiago Curileiro, Vivaldo Quintans.

Produção:

Esfôrço conjunto de

Luis B. B. Jordão e de Audiplano

Tel./Fax: 218 878 001 . E-mail: luis.jordao@elix.pt

Rua de S. Tomé, 37 - r/c - 1100-561 Lisboa

Impressão:

Gráfica Gráfica, Lda

Estrada Nacional 10, Km 140-100

2695-066 Bobadela

Tel.: 21 994 71 20

E-mail: geral@graficagrafica.pt

ICS: 124715

Dep. Legat: 221322/05

## ÍNDICE

PERGUNTANDO.....	4
A FORTALEZA DE MONSARAZ.....	7
O ALENTEJO E O CULTO CÉLTICO DAS CABEÇAS.....	9
A IMPORTÂNCIA DO LIVRO OS LIVROS DE CERA.....	12
PELOS TRILHOS DO CANTO (II).....	14
PSEUDÓNIMOS E AS PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS ALENTEJANAS.....	15
A PROPÓSITO DA «EXPOSIÇÃO DE TAPETES DE ARRAIÓLOS», EM 1917.....	18
VIOLA CAMPANICA.....	19
APONTAMENTOS HISTÓRICOS.....	19
O ALENTEJO E OS PRIMÓRDIOS DAS CARTAS DE JOGAR EM PORTUGAL.....	21
OLIVENÇA D'ALÉM-GUADIANA.....	22
EM DEFESA DAS CULTURAS REGIONAIS DO REGIONALISMO E DA REGIONALIZAÇÃO.....	23
HOJE E SEMPRE.....	23
CLIMA DE GUERRA.....	23
OU A GUERRA DO CLIMA.....	25
AVIFAUNA - O MILHAFRE.....	29
AGRICULTURA.....	29
ALENTEJANA - QUE FUTURO?.....	32
RAIOS OS PARTIAM!.....	44
ACORDAR NO SUL.....	45
COSTA VICENTINA.....	45
VISION EN LA PLAZA DE TOROS VIEJA DE BADAJOZ.....	46
SILÊNCIO.....	47
RUAS DE SERPA.....	48
LOUÇOS E VAGABUNDOS.....	49
FRONTEIRA.....	50
LUMINOSA BARRANCOS.....	51
DE SUL A SUL.....	52
7 TIPOS DO MEU PAÍS.....	52
SURREALISTA.....	53
A FORCADAGEM - FORCADOS AMADORES DE MONFORTE.....	54
O ALENTEJO, SUA GENTE, A CULTURA, VISIO POR DUAS TURISTAS DE ORIGEM LUSOFONA.....	56
ERVAS AROMÁTICAS, MEDICINAIS E ALIMENTARES.....	57
UM PETISCO DO OUTRO MUNDO.....	58
GASPACHO À MINHA MODA.....	58
ANUARIO - CALENDARIO, FERIADOS, FASES DA LUA, ECLIPSES, ESTAÇÕES DO ANO, LEGISLAÇÃO SOBRE.....	60
HORA LEGAL, ASTROLOGIA.....	60

## A PROPÓSITO DA «EXPOSIÇÃO DE TAPETES DE ARRAIOLOS», EM 1917

Em 1917 o edifício do Convento do Carmo, em Lisboa, acolheu a primeira exposição de Tapetes de Arraiolos, que pretendia dar a conhecer à população portuguesa uma arte que estava, pouco a pouco, a reerguer-se, após, no século XIX, ter sido votada ao esquecimento.

Após um período de renascimento iniciado pelo crítico de arte José Queirós em 1898, os tapetes de Arraiolos estavam a conhecer uma nova fase, um pouco à semelhança do que acontecia por todo o país com o artesanato, impulsionado pelo espírito nacionalista que Portugal conhecia nos inícios do século XX.

Foi pelas mãos de Sebastião Pessanha que em 1916 foi apresentada na Associação dos Arqueólogos Portugueses a proposta de se realizar a referida exposição. A ideia foi aceite e a exposição abriu portas a 8 de Março de 1917. Estavam expostos 77 exemplares de tapetes, assim como os materiais necessários à sua confecção. Colcho de Carvalho noticiou a abertura da exposição, no jornal local O Povo de Arraiolos, em número especial dedicado aos tapetes, de 8 de Abril de 1917, da seguinte forma: «abriu a exposição de tapetes de Arraiolos nas velhas salas do Museu do Carmo – quase uma centena de exemplares. Entre as tapeçarias expostas, figuram magníficos tapetes antigos; e, alguns d'essa indústria modernamente renascida em Arraiolos e Évora».

O visitante que se dirigisse ao Convento do Carmo poderia encontrar, expostos e para venda, para além dos tapetes, os materiais necessários à sua produção, nomeadamente as lãs e as telas. Sobre a venda de produtos era cobrada uma taxa de 10% a favor da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

O bilhete para visitar a exposição custava \$10 e as quintas-feiras \$20, por ser o dia em que as tapeiteiras bordavam tapetes ao vivo no recinto da exposição. Era também neste dia em que se realizavam conferências sobre o Tapete de Arraiolos, debatendo-se a história, a técnica e o seu ressurgimento.



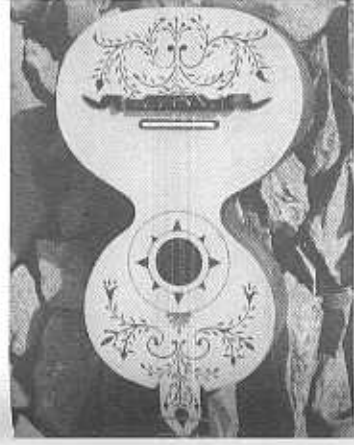
Esta exposição alcançou os objetivos iniciais de fazer renascer na sociedade portuguesa o desejo de possuir tapetes de Arraiolos e de alertar as entidades estatais para a necessidade de criação de uma escola técnica de tapeçaria, para que o tapete de Arraiolos não voltasse a cair no esquecimento.

Actualmente os tapetes de Arraiolos atravessam uma fase complicada, pois urge a criação de uma zona de origem demarcada, de modo a poder-se fazer face às imitações que proliferam nos mercados nacional e internacional. É certo que os contornos desta fase são diferentes dos encontrados por José Queirós em 1898, porém os tapetes correm risco de desaparecer se algo não for feito. A realidade que os arraiolenses bem conhecem é que as casas que comercializam os tapetes são cada vez menos, e cada vez menos são também as mulheres que dominam as técnicas de fazer um tapete de Arraiolos. São necessárias medidas concretas para que os tapetes de Arraiolos não se transformem em resquícios do passado, e que, como em 1917, haja vontade de intervir, de preservar e salvaguardar o nosso património, que é expressão de Arraiolos, do Alentejo, e de Portugal.

*\*O autor é investigador em História do Património e publicou, no ano de 2009, a obra Contributos para a História dos Tapetes de Arraiolos.*



## VÍOLA CAMPANIÇA APONTAMENTOS HISTÓRICOS



A viola popular portuguesa chegou até aos nossos dias sob várias formas e denominações: braguesa, ramaldeira, amarantina, toeira, de arame, da terra e, no sul do país, campaniça.

Esta viola popular desce da tradição violística hispânica que se cristalizou na viola barroca que as classes eruditas ainda cultivavam no séc. XVIII, a qual é objecto do tratado escrito em 1789 pelo português Manoel da Paixão Ribeiro, Nova Arte de Viola, onde é descrita como um instrumento armado com doze cordas em cinco ordens (af- mi, si, sol, ré, lá), sendo três duplas e duas, as mais graves, triplas. As classes populares, com a sua tendência de imitar os costumes musicais da alta sociedade, vinham desde Quinhentos cultivando também o instrumento, naturalmente de construção mais simples ou rudimentar, como nos é atestado pela obra de Juan Bermudo, Declaracion de los Instrumentos Musicales, 1555.

Como frequentemente acontece, depois de as classes cultas terem abandonado a viola barroca (o que ocorreu nos alvares do séc. XIX, em favor da viola de cordas singelas), o povo continuou por muito tempo a

tangê-la ao longo de gerações acompanhando a sua música de tradição oral e conseguindo assim, através da sua prática quotidiana, trazê-la até aos nossos dias.

O povo português chama viola ao instrumento de cordas dedilhadas, com caixa de ressonância em forma de oito, a que os restantes povos europeus chamam guitarra (esp.), guitar (ingl.), chitarra (ital.) e guitare (fr.). Arma correntemente com cinco cordas duplas, tendo já possuído doze cordas em cinco ordens, como já acima descrevemos para a viola barroca, de que era, aliás, como também dissermos, uma congénere popular. O instrumento de seis cordas singelas (af- mi, si, sol, ré, lá, mi) é um descendente finisecularista daquela outra viola, vindo a ser conhecido em Portugal por viola francesa, violão (sobretudo no Norte, para se não confundir com a viola propriamente dita, de cordas duplas, que ali se conservou até aos nossos dias com enorme vitalidade), ou, simplifadamente, viola, sobretudo no Sul, onde a viola de cordas duplas se perdeu mais cedo.

Só de há alguns anos a esta parte é que sucedeu um estranhíssimo fenómeno, que está a alterar a nomenclatura deste instrumento de seis cordas singelas, passando a chamar-se-lhe guitarra em vez de viola, e erradicando-se assim uma designação que tinha uma consagração de quinhentos anos de história. Com efeito, alguns intérpretes da chamada música ligeira, acompanhados por jornalistas pouco conhecedores do assunto, apercebendo-se que nos círculos de música erudita portuguesa se começou, por meados do séc. XX, a chamar guitarra ao instrumento, ou então por simples estrangeirismo, começaram também a utili-